

O TÉDIO

Gustavo Eleutério Pena

O relógio é de pêndulo. Entalhado em madeira nobre com riqueza de detalhes, ecoa suas badaladas precisamente geridas pelo maquinário suíço. Entre uma badalada e outra, ressoa o harmônico, contínuo e monótono estalo ao fim de cada trajetória que o pêndulo desenha. É isso.

No primeiro plano do quadro em cuja parede jaz o relógio de pêndulo, uma família.

O homem senta-se como um rei em primeiríssimo plano, com sua adiposidade saltando do abdômen, a gota lhe consumindo as juntas, e o queixo em riste exibindo um sorriso forçado. Suas roupas sujas de graxa e restos de comida expõe uma contraditória informação de que há ali um menino sem graça com aparência de homem sexagenário. Um menino inconveniente, que a tudo se posta como um competidor, capaz de forjar vitórias para se manter em primeiro plano. Ausentes os aplausos e bajulações, faz birras, ameaças e chantagens. São três as palavras de seu limitado repertório que ele considera engraçadas em qualquer tempo e em qualquer contexto: peido, preto, e fedorento (a). Os itinerários da família aos fins de semana e de todo fim de ano são sempre os mesmos, pelo homem definidos. O carro popular, inúmeras vezes reprovado em testes de colisão pela própria fábrica, quem dirige em alta velocidade é aquele maldito homem. Ai de quem ousar pedir-lhe que reduza a pressão no pedal do acelerador. Ao fim de um ciclo, ele retorna ao seu lugar no quadro, e começa tudo de novo.


A mulher está sepultada em um corpo que ainda respira. Inexpressiva, com sobrepeso e encurvada, a sexagenária aparenta trinta anos a mais. Chama a atenção como se posiciona ao centro, tal como uma criança que invade uma roda social em busca de holofotes e algum significado existencial, mas por não ter nada a interessar torna-se apenas um ruído. Na frequente ausência do que dizer, ela diz curtos ou longos ais, tão maior seja sua necessidade de atenção. Na ausência de plateia, dorme com barbitúricos. Seu caminhar ressoa como o pêndulo do relógio de parede, pelos calcanhares raspando o chão. Parece pesar toneladas. A casa ganha ritmo de parada de manutenção quando aquela maldita mulher atropela todos os



conviveres em um ímpeto de ansiedade e de cena de filme repetido. A máquina de lavar ressoa tal como o calcanhar no chão, tal como o pêndulo do relógio, e a casa que era para ser recanto de descanso mental e ócio merecido, vira clausura, hospício, república estudantil. Todos os dias, entre as 10 e as 12 badaladas da manhã no relógio de pêndulo, um repetitivo cheiro de óleo de soja queimado com alho empesteia o ar da casa. Todos os dias, o mesmo cheiro, os mesmos sons.

Há um rapaz bastante parecido, em suas afetações e trejeitos, com aquele homem. Sem muita criatividade ou pulsão de vida, sucumbiu ao absolutismo do progenitor arquiteto, que disse a ele quem ser, que ser, como ser, quanto ser, quanto ter para ser bom, cuja referência é o próprio maldito homem. O pobre rapaz cumpriu a meta de metedor, comeu tantas bucetas quantas o pai lhe disse serem o mínimo para um homem. Uma das cabrochas abortou aos 15. O maior nível de formação foi o técnico, como o pai. O gosto por metal, carros e concreto, é igual aos do pai. A competitividade é como a do maldito pai. E também como o pai o rapaz é hipertenso, tem sobrepeso, teve pedras na vesícula, que teve de ser removida, como no pai. Como o pai, o rapaz é ansioso, extremamente explosivo quando com raiva, e favorável ao armamento civil e à ditadura militar como meta de segurança e ordem nacional. Ultrapassou o pai no número de filhos, que são três. E tal como projetado pelo arquiteto papai, o grilhão se dá em forma de dívidas, que o maldito homem usa para usurpar do mínimo de autoestima que ainda resta ali.

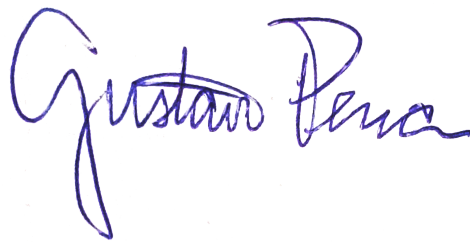
Ao fundo havia outra figura, de costas para o quadro, interessado no que contemplava da paisagem na janela em que se debruçava. Em suas costas nuas foi possível por um tempo notar as cicatrizes da chibata. Tem aparência comum, em nada especial com relação àquele arranjo, expondo uma desconexão com a família, com o relógio e com o quadro. Não tem dívidas, não tem emprego técnico, tem curso superior, pensa na vida e pausa no tempo para isso. É magro, não é hipertenso, alguma coisa ansioso, mais por medo da chibata, principalmente da moral. Gay, tem saúde, apesar das limitações subjetivas, detesta competir. Queria falar de vida, queria explorar a vida, sair pela janela, ou morrer-se literalmente. Menos estar ali.



Morte em vida é tédio. A sucessão de movimentos estereotipados como os de animais enclausurados em jaulas dão a ideia do desperdício que é a vida daquelas pessoas. Tal como um pássaro pula de poleiro em poleiro em uma sequência previsível de movimentos de um observador, assim é a rotina daquele quadro. Um quadro.

A janela é vazia. Só vê o observador um pedaço da paisagem lá longe. Lá longe havia uma silhueta, debruçada sobre algo. Eu escrevia este texto, pouco antes de embarcar em mim mesmo.

À família.

A handwritten signature in blue ink that reads "Gustavo Penna". The signature is written in a cursive, flowing style with some overlapping letters.